



# PREFEITURA MUNICIPAL DE TAUBATÉ

## SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

### PROGRAMA ESCOLA SEM MUROS

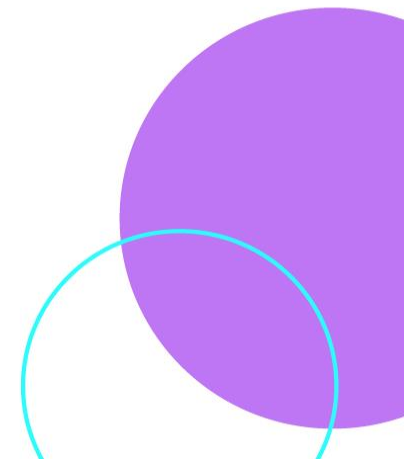


## LÍNGUA PORTUGUESA

### ENSINO FUNDAMENTAL II

**Ano:** 6º - EF II

**Habilidade: (EF67LP30)** Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.



## ATIVIDADES

Leia o início de dois contos maravilhosos muito conhecidos.

### TEXTO 1.

#### Rapunzel

Era uma vez um casal que há muito tempo desejava inutilmente ter um filho. Os anos se passavam, e seu sonho não se realizava. Afinal, um belo dia, a mulher percebeu que Deus ouvira suas preces. Ela ia ter uma criança! Por uma janelinha que havia na parte dos fundos da casa deles, era possível ver, no quintal vizinho, um magnífico jardim cheio das mais lindas flores e das mais viçosas hortaliças. Mas em torno de tudo se erguia um muro altíssimo, que ninguém se atrevia a escalar. Afinal, era a propriedade de uma feiticeira muito temida e poderosa.

Um dia, espiando pela janelinha, a mulher se admirou ao ver um canteiro cheio dos mais belos pés de rabanete que jamais imaginara. As folhas eram tão verdes e fresquinhas que abriram seu apetite. E ela sentiu um enorme desejo de provar os rabanetes.

A cada dia seu desejo aumentava mais. Mas ela sabia que não havia jeito de conseguir o que queria e por isso foi ficando triste, abatida e com um aspecto doentio, até que um dia o marido se assustou e perguntou:

\_\_ O que está acontecendo contigo, querida?

\_\_ Ah! - respondeu ela. - Se não comer um rabanete do jardim da feiticeira, vou morrer logo, logo! [...]

## TEXTO 2.

### O ganso de ouro

Houve, uma vez, um homem que tinha três filhos. O mais moço dos três era por todos desprezado, ridicularizado e maltratado; todos o chamavam pelo nome de Zé Palerma.

Um belo dia, o filho mais velho resolveu cortar lenha na floresta; antes de partir, a mãe deu-lhe uma excelente fritada de ovos e uma garrafa de vinho para que não ficasse com fome e com sede. Muito satisfeito, o moço entrou pela floresta adentro e topou com um anãozinho que, após cumprimentá-lo, lhe disse: \_\_Queres dar-me um pedacinho da tua fritada e um golinho do teu vinho? Estou com tanta fome e tanta sede!

Mas o filho espertalhão respondeu:

\_\_Se dou a ti a fritada e o vinho, nada sobra para mim; sai do meu caminho!

Largou aí o anãozinho e foi-se sem mais aquela. Mais adiante um pouco, começou a cortar um galho, mas não tardou nada que, errando o golpe, feriu-se com o machado num braço, tendo de voltar para casa a fim de tratar o ferimento. Aquilo não passava de uma peça que lhe pregara o anãozinho!

Em seguida, o segundo filho quis ir à floresta; a ele também a mãe deu uma bela fritada de ovos e uma garrafa de bom vinho. Penetrando na floresta, encontrou o tal anãozinho, que lhe pediu um pedaço de fritada e um gole de vinho. Mas este filho também disse com o seu natural bom senso:

\_\_O que der a ti, fará falta a mim; dá o fora, sai da minha frente.

Largou lá o anãozinho e foi para diante. Mas o castigo não se fez esperar: assim que deu alguns golpes numa árvore, feriu a perna com o machado e teve de ser transportado para casa.

Então o menor dos três pediu que o deixassem ir:

\_\_Meu pai, deixa-me por esta vez ir à floresta cortar lenha!

Teus irmãos já se feriram, - respondeu-lhe o pai; - agora queres ir tu, que não sabes fazer coisa alguma. Mas Zé Palerma tanto insistiu que o pai acabou por dizer:

\_\_Pois bem, vai! Assim aprenderás à tua própria custa.

A mãe deu-lhe uma broa assada nas brasas e uma garrafa de cerveja azeda. Penetrando na floresta, ele também encontrou o anãozinho, que o cumprimentou e pediu:

\_\_Dá-me um pedaço da tua broa e um gole da tua cerveja; tenho tanta fome e tanta sede! [...]

Disponível em: [https://www.grimmstories.com/pt/grimm\\_contos/o\\_ganso\\_de\\_ouro](https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/o_ganso_de_ouro). Acesso em 13/05/2020.

**1.** Continue a escrever a história dos textos 1 e 2. Lembre-se da estrutura da narrativa. Nos trechos acima já estão a situação inicial e o conflito. Sua tarefa é criar o clímax e o desfecho. Use sua criatividade! Faça uma primeira versão, revise e passe a limpo.

**2.** Depois, reescreva os textos completos (o início e o que você criou) em primeira pessoa, com o narrador-personagem. Você poderá escolher a personagem que será o narrador ou ainda criar uma personagem nova.

Agora, leia o conto a seguir.

## **O Rei Sapo ou Henrique de Ferro**

Em muitos tempos remotos, quando ainda os desejos podiam ser realizados, houve um Rei cujas filhas eram muito bonitas. A caçula, sobretudo, era tão linda que até o sol, que já vira tantas e tantas coisas, extasiava-se quando projetava os raios naquele semblante encantador. Perto do castelo do Rei, havia uma floresta sombreada e, na floresta, uma frondosa tília, à sombra da qual existia uma fonte de águas cristalinas. Nos dias em que o calor se fazia sentir mais intenso, a princesinha refugiava-se nesse recanto e, sentada à margem da fonte, distraía-se brincando com uma bola de ouro, que atirava ao ar e apanhava agilmente entre as mãos; era o seu jogo predileto.

Certo dia, porém, quando assim se divertia, a bola fugiu-lhes das mãos, rolando para dentro da água. A princesa, desapontada, viu a bola sumir na água da fonte, que era tão profunda que não se via o fundo. Desatou, então, a chorar inconsolavelmente. E, eis que, em meio dos lamentos, ouviu uma voz perguntar-lhe:

\_\_Que tens, linda princesinha? Qual a razão desse pranto desolado, que comove até as pedras?

Ela olhou para todos os lados a fim de descobrir de onde provinha essa voz e deparou com um sapo, que estendia para fora da água a disforme cabeça.

\_\_Ah! És tu, senhor sapo? - disse a princesa. - Estou chorando porque perdi minha bola de ouro, que desapareceu dentro da água.

\_\_Ora, não chores mais! - disse o sapo. - Vou ajudar-te a recuperá-la. Mas que me darás em troca, se eu trouxer tua bola?

\_\_Tudo o que quiseres, bondoso sapo. Eu te darei meus vestidos, minhas pérolas e minhas joias preciosas: até mesmo a coroa de ouro que tenho na cabeça, - respondeu alvoroçada a princesa.

\_\_Nada disso eu quero; nem teus vestidos, nem tuas joias, nem tampouco tua coroa de ouro. Outra coisa quero de ti. Quero que me queiras bem, que me permitas ser teu amigo e companheiro de folguedos. Quero que me deixes sentar contigo à mesa e comer no teu pratinho de ouro e beber no teu copinho. À noite me deitarás junto de ti, na tua caminha. Se me prometeres isto tudo. descerei ao fundo da fonte e trar-te-ei a bola de ouro, - propôs o sapo.

\_\_Oh! sim, sim! - retorquia ela; - prometo tudo o que quiseres, contando que me tragas a bola. Pensava, porém, de si para si: "O que é que está pretendendo este sapo tolo, que vive na água coaxando com os seus iguais? Jamais poderá ser o companheiro de uma criatura humana!"

Confiando, pois, na promessa que lhe fora feita, o sapo mergulhou, reaparecendo, daí a pouco, com a bola de ouro, que atirou delicadamente ao gramado. A princesinha, radiante de alegria por ter recuperado o lindo brinquedo, agarrou-o e deitou a correr para casa.

\_\_Espera! Espera! - gritava o pobre sapo; - leva-me contigo, pois não posso correr como tu!

De nada lhe valia, porém, gritar com todas as forças dos pulmões: a filha do Rei não lhe deu a menor atenção, correu para o palácio, onde não tardou a esquecer o pobre bichinho e a promessa que lhe fizera no momento de apuro.

No dia seguinte, quando se achava tranquilamente à mesa com o Rei e toda a corte, justamente quando comia no seu pratinho do ouro, ouviu: - "plisch, plasch, plisch, plasch," algo subindo a vasta escadaria de mármore, avançando até chegar diante da porta. Ali bateu, gritando:

\_\_Filha do Rei, caçula, abre a porta! Ela correu a ver quem assim a chamava. Mas, ao abrir a porta, viu à sua frente o pobre sapo. Fechou-a, rapidamente, e voltou a sentar-se à mesa, com o coração aos pulos. O Rei, que a observara, percebeu o palpitar de seu coração. Perguntou:

\_\_Que tens, minha filhinha? Há, por acaso, algum gigante aí fora querendo levar-te?

\_\_Oh! não. Não é nenhum gigante, apenas um sapo horrível, - respondeu, ainda pálida, a princesa.

\_\_E o que deseja de ti? Meio constrangida, ela contou o que se passara. [...]

Entrementes, ouviu-se bater, novamente, à porta e a voz insistir:

\_\_Filha do Rei, caçula, abre-me a porta. Não esqueças a promessa que me fizeste tão depressa junto à fonte da floresta. Filha do Rei, caçula, abre-me a porta!...

O Rei disse, então, à filha:

\_\_Aquilo que prometeste deves cumprir. Vai, pois, abre a porta e deixa-o entrar. A princesa não teve remédio senão obedecer. Quando abriu a porta, o sapo pulou rapidamente para dentro da sala e foi saltitando até sua cadeira. Uma vez aí, pediu:

\_\_Ergue-me, coloca-me à tua altura.

A princesa relutava contrariada, mas o Rei ordenou que obedecesse. Assim que se viu sobre a cadeira, o sapo pediu para subir na mesa, dizendo:

\_\_Aproxima de mim teu pratinho de ouro para que possamos comer juntos.

Muito a contragosto a princesinha acedeu; mas, enquanto o sapo se deliciava com as finas iguarias, ela não conseguia engolir os bocados que lhe ficavam atravessados na garganta. Por fim, ele disse:

\_\_Comi muito bem, estou satisfeitíssimo. Sinto-me, porém, muito cansado, leva-me para teu quarto, prepara tua caminha de seda e deitemo-nos, sim?

Ante essa nova exigência, a princesa não se conteve e desatou a chorar. Sentia horror em tocar aquela pele gélida e asquerosa do sapo e, mais ainda, ter de dormir com ele em sua linda caminha alva, de lençóis de seda. O Rei, porém, zangando-se, repreendeu-a:

\_\_Não podes desprezar quem te valeu no momento de aflição.

Não vendo outra alternativa, a princesinha armou-se de coragem, agarrou com a ponta dos dedos o sapo repelente, carregou-o para o quarto, onde o atirou para um canto, decidida a ignorá-lo.

Pouco depois, quando já deitada, dispunha-se a dormir, viu-o aproximar-se saltitando:

\_\_Estou cansado, quero dormir confortavelmente como tu. Ergue-me, deixa-me dormir junto de ti, se não chamarei teu pai.

A princesinha, então, cheia de cólera, agarrou-o e, com toda a força, atirou-o de encontro à parede.

\_\_Agora te calarás, sapo imundo, e me deixarás finalmente em paz!



Mas, oh! Que via? Ao estatelar-se no chão, o sapo imundo, que, por vontade do pai era seu amigo e companheiro, transformou-se, assumindo as formas de um belo príncipe de olhos meigos e carinhosos.

Contou-lhe ele, então, como havia sido encantado por uma bruxa má e que ninguém, senão ela, a princesinha, tinha o poder de desencantá-lo. Combinaram, ainda, que, no dia seguinte, partiriam para seu reino. Em seguida, adormeceram.

Quando a aurora despontou e o sol os despertou, chegou uma belíssima carruagem [...], com o fiel Henrique, escudeiro do jovem rei. O fiel Henrique ficara tão aflito quando seu amo fora transformado em sapo, que mandara colocar três aros de ouro em volta do próprio coração, para que este não arrebetasse de dor. Agora, porém, a carruagem ia levar o jovem rei com sua jovem esposa de volta ao castelo.

Quando haviam percorrido bom trecho de caminho, o príncipe ouviu um estalo, como se algo na carruagem se tivesse partido. Voltou-se e gritou:

\_\_Henrique, a carruagem está quebrando!

\_\_Não, meu Senhor, a carruagem não, é apenas um aro do meu coração.

Duas vezes ainda, ouviu-se o estalo durante a viagem e, de cada vez, o príncipe julgou que se quebrava a carruagem. Mas Henrique tranquilizou-o explicando que apenas os aros se haviam quebrado, saltando-lhe do coração, pois que, agora, seu amo e senhor estava livre e feliz.

4. Este conto apresenta uma linguagem um pouco diferente, mais antiga. Pesquise o significado das que não conhece e registre no seu caderno. Esta é uma ótima atividade para enriquecer seu vocabulário.
5. Identifique as partes que compõem o conto (situação inicial, conflito, clímax e desfecho). Circule com cores diferentes cada parte.
6. Escreva, resumidamente, um parágrafo para cada parte que você circulou, colocando apenas as informações principais de cada uma.
7. Agora, a partir do seu resumo, transforme o conto do rei sapo em uma história em quadrinhos, fazendo as adequações necessárias.